

## RAIMUNDO VARÃO

OTACÍLIO DE AZEVEDO

O primeiro emprêgo que arranjei em Fortaleza foi na Fotografia N. Olsen, na Rua Formosa (hoje Barão do Rio Branco), onde aprendi a lidar com o afamado papel albuminado, a base de ouro, no qual copiava retratos à luz do sol, com cinqüenta e tantas prensas, correndo o risco de, caso se queimasse alguma por excesso de exposição, ser descontado, seu valor, dos miseráveis sessenta mil réis que percebia por mês...

Ali trabalhei com Júlio Azevedo, meu irmão, Augusto Cabral, musicista, Herman Lima, que desenhava para o *Tico-Tico* o seu gozado João Balabrega e começava a escrever contos e Raimundo Varão, uma das personalidades mais originais que tenho conhecido, e a quem dedico esta crônica.

Varão era alto, magro, perfil grego, sobranceiras emendadas, olhos fundos e olheiras côr de zinabre. O rosto, muito branco, era uma mapa-múndi de veias azuladas; exalava um insuportável mau cheiro, devido ao fato de não tomar banho e deixar que a camisa se acabasse, suja, pregada ao corpo. Dentro dessa imundície, porém, existia um grande poeta que, nas horas de folga, lavava cuidadosamente as mãos, de seis dedos cada uma, e com zêlo folheava os livros mais limpos dêste mundo, sem lhes dobrar uma página e nem mesmo riscá-los com seu nome, para não lhes macular a alvura.

No dia em que não respondesse ao nosso *bom dia*, podíamos ficar certos de que passaria um mês sem falar com ninguém...



**RAIMUNDO VARÃO**

Col. Sidney Neto

Conta-se que criava, num recanto escuro de quintal, dentro de um barril, um asqueroso sapo côr de bronze, que era o seu ídolo. Acariciava-o e, dizem, até o beijava!

Um sábadô, correu como um arrepio a notícia de que "seu" Raimundo ia tomar um banho no domingo. É que, pela primeira vez, se apaixonara!

Fui a seu mandado comprar, na "Estrêla do Oriente", uma camisa branca, de peito duro, colarinho, e mais uma gravata de sêda, um par de abotoaduras, chapéu de palhinha de arroz, lenços e um vidro de perfume estrangeiro. Tinha vindo da "Alfaiataria Amâncio" um bellissimo terno de casimira cinzenta. Varão havia também comprado um par de sapatos Bordalo, meias, ceroulas até os calcanhares, ligas, etc.

Meu primeiro cuidado, no domingo, foi assistir ao seu renunciado banho, apenas com a curiosidade de ver-lhe os seis dedos em cada pé... Mas saí frustrado, pois os seus pés eram iguaizinhos aos meus!

Aconteceu, porém, que eu havia combinado com êle comermos uma carne sêca, assada no álcool, com farinha d'água e cebolas, e o pobrezinho quase morria em consequência disso, porque seu único alimento era bolachinhas Jacó e cerveja...

Foi uma semana que passou doente. Quando ficou bom, meteu-se na roupa nova e rumou para o Passeio Público, onde já o esperava ela, com o mais terno dos sorrisos...

Varão amava... E êsse amor lhe modificou por completo a vida: ria, cantava, e brincava conosco. É dêsse tempo e inspirado pela amada êsse magnífico sonêto que intitulou "Made-moiselle Ibis":

*Quando a vejo passar, franzina e leve,  
mais delicada e frágil que as verbenas,  
penso que aquêlê traje ocultar deve  
a rainha gracil das açucenas.*

*Lírios, pérolas, lânguidas falenas,  
rubis, papoulas, flóculos de neve,  
vêm nos trazer um fraco esbôço apenas  
do conjunto ideal da bôca breve...*

*Dos seus olhos, mais puros que as estrélas,  
a luz auroreal nos vêm falando  
de cousas que é impossível concebê-las...*

*E quando passa, a rir, entre cortejos,  
parece uma ilusão que vai boiando  
num oceano de sonhos e desejos!*

Passados meses, Raimundo Varão, já desiludido talvez daquele amor que lhe fôra efêmero, desabafando a revolta de seu coração angustiado, cheio de desilusões, escrevia êstes poemas decassílabos:

#### UM SONETO D'AMOR

*Anjo, mulher, demônio a quem venero,  
sombra que amaldição e que bendigo,  
luz de meus olhos, infernal perigo,  
— causa de meu eterno desespero!*

*Se procuro esquecer-te é que mais quero  
dar-te em minh'alma sacrossanto abrigo,  
e concentrando as lágrimas comigo  
as minhas próprias carnes dilacero...*

*Do meu profundo amor sempre a falar-te  
encontrarás o espectro solitário  
disperso, a soluçar por tôda a parte!*

*E se em teu peito a compaixão não medra,  
eu irei pela senda do calvário  
arrancando um soluço a cada pedra!*

## ALUCINADO

*Ardendo em chamas de infernal cratera,  
ao ver-te o corpo escultural, divino,  
sinto rugir-me n'alma uma pantera  
que ladra contra Deus e o meu destino...*

*Tu és a flor em plena primavera  
eu sou o mendigo, o verme pequenino...  
Deixa rolar no abismo da quimera  
a paixão deste amor, que não domino.*

*Vive, mulher, e sé feliz! — Um dia,  
quando houveres baixado à campa fria,  
na febre dos desejos indomados,*

*irei partindo o mármore das lousas,  
visitar o mistério em que repousas  
para beijar-te... os ossas descarnados!*

Quando Raimundo Varão publicou o seu poema *A Morte da Águia* fomos eu, êle e Matos Girão, numa clara noite de luar, à Ponte Metálica. Varão, quando terminou a declamação de seu poema, com êstes versos:

*O poeta é como a águia, anseia o infinito,  
o olhar na luz da idéia eternamente fito,  
desdenha o mundo vil e a existência illusória,  
e voa e cai e morre olhando o sol da glória*

disse, emocionado: "Ó mar, tu, que guardas tantas pérolas no teu seio de esmeralda, acolhe mais esta no teu valioso escripto!" — E atirou, num gesto de entusiasmo, o poema que acabara de ler, às ondas inquietas, que o acolheram...

Não tivesse eu me agarrado com unhas e dentes com o Girão e teria êle ido buscá-lo num mergulho em que talvez houvesse desaparecido para todo o sempre.

Não sabemos por que Varão, tão grande nos seus versos, foi um nome que se apagou, mesmo no Ceará, onde militou durante tantos anos, entre os maiores da terra. Questão de sorte? "Falta de estrêla", como diz o vulgo? Dolor Barreira dedicou-lhe várias páginas em sua admirável *História da Literatura Cearense*, mas ainda assim podemos dizer que o poeta de *A Morte da Águia* é um desconhecido nas letras cearenses. Herman Lima, que foi seu contemporâneo na Fotografia N. Olsen, esqueceu, inexplicavelmente, o poeta em seu livro de memórias.

Raimundo Varão sempre andava com as mãos para trás, segurando um grande Atlas Geográfico, cousa que nunca estudou. De tanto sentar-se em cima dêle já lhe havia apagado quase tôdas as letras da capa. Certo dia, descobrimos que aquêlê livro apenas resguardava dos olhares curiosos os fundilhos de sua única e velha calça, em petição de miséria. . .

Certa vez Varão estava revelando uma porção de retratos na viragem de ouro quando descobri que êle, com os olhos pregados no teto, deixava, sem o sentir, as provas tôdas serem devoradas pela ação corrosiva do revelador! Tôdas as provas haviam desaparecido!

Não sei se devido à minha pouca idade, naquele tempo, ou se pela excentricidade do poeta, eu lhe queria muito bem, mas um movimento de repulsão me afastava dêle e me fazia temê-lo como se êle fôsse uma cousa diabólica, um monstro dêsses das antigas histórias de Trancoso, que tantas vêzes ouvi, aterrorizado, quando criança.

No entanto, quando lia para mim os seus versos, eu perdia todo aquêlê pavor, e o meu mêdo se transformava em piedade, ou em submissa adoração. Na verdade sempre o admirei como a um deus, algo divino, que houvesse caído de um astro, de uma estrêla. Achava-o diferente dos outros, respeitava-o como a um ente superior, que vivesse à parte, alheio a tôdas as baixezas do mundo, dentro da galera de um sonho! Uma pessoa estranha, arrancada às Mil e Uma Noites, fluídica, incorpórea, mas que na terra fôsse tomando a forma extraordinária de um

ídolo pagão de alguma seita diferente de tôdas as outras religiões, diante do qual só nos cabia um direito: dobrar os joelhos e lhe beijar o pó das sandálias...

Não sei de poeta, em Fortaleza, que fizesse sonetos mais lindos do que os de Varão. Vejamos mais êste, ainda inspirado pela Mademoiselle Ibis:

### VISÃO NOTURNA

*Espairecendo incauta e descuidada  
à fraca luz da lâmpada indecisa,  
a cada passo um raio de alvorada  
ilumina o lugar onde ela pisa...*

*Na mórbida indolência que desliza  
a sua forma clássica, esmerada,  
lembra um cisne de luar que se esteriza  
no mar de luz da esfera constelada.*

*Pasmam ao vê-la as lâmpadas esguias  
fazendo recordar dos grandes sábios  
as cavernosas órbitas sombrias...*

*E as suas frases dúlcidas, singelas,  
cada palavra que lhe sai dos lábios,  
vou transcrevendo em sílabas de estrélas!*

Além desta, são inúmeras as poesias que escreveu naquele tempo e que eu decorei para recitar nos serões então em voga, quando ainda não existia o rádio e o sentimento expressivo tinha grande valor.

Nada mais belo do que um lindo poema declamado ao som embalador da melodiosa Dalila ou de uma valsa lenta, em chorosa surdina...

Fui para o interior do Ceará, e na minha ausência Raimundo Varão foi embora, parece-me que para o Rio de Janeiro, e de lá, saudoso, escreveu e enviou para ser publicado aqui êste bellissimo soneto, um dos mais belos que inspirou nessa cidade:

## FORTALEZA

*Lá, sob um claro céu de azul-turquesa,  
onde o sol seu tesouro em luz descerra,  
lá fulge a legendária Fortaleza,  
como um raro brilhante sôbre a Terra.*

*Como um sacro penhor da Natureza,  
como um beijo auroral que a vida encerra,  
longínqua e bela, a lânguida princesa,  
arfando o peito, geme e os olhos cerra.*

*Porque nos batem temporais medonhos  
e tivemos no mundo a mesma sorte,  
ó casta Fortaleza dos meus sonhos,*

*meu derradeiro e desvelado anseio  
é ter a paz na comunhão da Morte,  
dormindo em sete palmos do teu seio...*